REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 731

20 DE ABRIL DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO DR. JACINTHO CANDIDO
EX-MINISTRO DA MARINHA

Reconstituição da marinha de guerra portugueza

O LANÇAMENTO AO MAR DO CRUZADOR «RAINHA D. AMELIA»

O dia de segunda feira 10 do corrente foi para Portugal de verdadeiro e sincero regosijo, porque se tratou de dar a maior solemnidade a um acto accentuadamente patriotico — o lançamento ao mar do novo cruzador *Rainha D. Amelia*.

Nação maritima e colonial, o velho paiz da Europa, que dictára as leis nos mares e na navegação d'elles, deixára-se ficar um pouco para traz quando todos os paizes tratavam de avançar. Os seus navios de madeira de elegante e solida construcção, que outras nações apresavam só para lhes estudarem o segredo do fabrico e da elegancia, no principio do seculo XIX, já hoje estão substituidos e sobrepujados pelos de aço, que os grandes arsenaes estrangeiros, mercê do progresso da construcção naval, entregam ao trafico do mundo, especialmente ao armamento das potencias maritimas.

O lançamento do cruzador foi um facto de altissima importancia para a industria das construcções navaes em Portugal, pois representa o brilhante inicio entre nós das construcções de navios de ferro e aço e o principio da reconstituição pelo trabalho nacional, da nossa marinha de guerra e portanto o renascimento do nosso dominio ultramarino.

Como se sabe, o emprego do vapor e do aço nos navios trouxe transformações importantissimas á sua construcção e os nossos arsenaes de Lisboa e outros estaleiros só podiam produzir navios de madeira, pelo que ficaramos condemnados a um estacionamento, que tanto mais tinha de retrocesso, quanto se considera que Portugal fôra outr'ora eximio nas construcções navaes.

Felizmente, houve alfim um illustre ministro que teve a corajosa e patriotica iniciativa de taes construcções, a despeito dos incredulos e praguentos, que desconhecem o valor dos elementos de trabalho de que o paiz dispõe.

Seja-nos permittido aqui esboçar como que a historia do novo cruzador e isso servirá de pregão honroso para o energico estadista portuguez, que tão sympathico papel representou n'este impulso dado á reconstituição da marinha de guerra portugueza.

Quando foi chamado aos conselhos da corôa o sr. conselheiro Jacintho Candido da Silva, assumindo a gerencia da pasta da marinha, já nutria a aspiração de transformar as condições technicas do arsenal, tornando-o apto a satisfazer ás exigencias da moderna arte de construcção naval e de adquirir para a nossa marinha de guerra, tão mingoada, alguns navios de importancia.

Tendo o novo ministro reunido o conselho do almirantado e todas as corporações technicas navaes, officiaes e engenheiros de marinha, e manifestando-lhes as suas idéas, perguntou se todos, ou alguma commissão formada d'entre esses elementos, ou alguem d'entre os que o ouviam, poderiam pôr o arsenal á devida altura; responderam os assistentes declarando que não havia no paiz quem se abalançasse a uma tal empreza.

Então o sr. conselheiro Jacyntho Candido tratou de procurar no estrangeiro o homem de que precisava e esse foi o engenheiro francez sr. Croneau, que lhe fora indicado pelo engenheiro naval sr. Vasconcellos Ferraz, que o conhecera de regresso de uma viagem á Hollanda.

O sr. Croneau veiu a Lisboa, á sua custa, examinou o arsenal da marinha, elaborou o plano dos melhoramentos que julgou de possivel execução no local onde elle se encontra e foi finalmente contractado para, por determinado tempo, dirigir technica e superiormente aquelle estabelecimento.

O illustrado engenheiro tomou posse do seu elevado cargo em 4 de janeiro de 1897. Como ajudantes trouxe o sr. Croneau os habilissimos conductores de trabalhos da marinha franceza Berthé, conductor de trabalhos de construcção naval, Galigné, chefe da sala de desenho, Merienne, electricista, e Touzé, machinista, a quem se deve em muito o bom exito da missão do engenheiro Croneau.

Todo o pessoal technico que dirigia o arsenal foi substituido. Como adjuncto do sr. Croneau, foi escolhido o capitão-tenente da armada sr. Polycarpo de Azevedo, que no desempenho do seu logar tem mostrado a sua infatigavel actividade e illustração.

Na direcção technica apenas ficaram os engenheiros navaes mais modernos e alguns machinistas navaes. Entre os primeiros figuram os srs. Vaz de Carvalho, Pedro dos Santos, Athouguia e Lorena, que teem sido valiosissimos auxiliares no novo plano de melhoramentos do arsenal. Dos antigos ficou o engenheiro Sampaio, um dos mais distinctos da sua classe.

Achava-se pois em via de completa realisação a primeira parte dos planos do sr. Jacintho Candido, e da segunda — a construcção de navios — não deixava o illustre ministro de se occupar. Nas propostas de fazenda que o governo de que fazia parte, apresentou ao parlamento incluiu-se então a n.º 9, pela qual se creava um *fundo especial para a reconstituição da marinha de guerra;* a que se seguiram, em 11 de abril de 1896 e 11 de janeiro de 1897, apresentadas pelo sr. conselheiro Jacintho Candido e pelo seu collega da fazenda sr. conselheiro Hintze Ribeiro, duas propostas importantes.

Pela primeira d'ellas era auctorisado o governo a applicar á acquisição de navios de guerra, nos quaes se comprehendessem um cruzador, typo *Yoshino*, duas canhoneiras-torpedeiros, typo *Onix*, e um rebocador de alto mar, até á quantia de 2:800 contos de réis, do producto da emissão complementar das obrigações dos tabacos. Esses navios são os cruzadores *D. Carlos*, *S. Gabriel* e *S. Raphael*, tambem prestes a sulcarem as aguas do Tejo.

Pela segunda era tambem auctorisado o governo a applicar á construcção, no arsenal da marinha, de um cruzador protegido, de aço, de 1:660 toneladas, e de 17,5 milhas de velocidade, segundo os planos do engenheiro Croneau, approvados pelo conselho do almirantado, o saldo que ficasse da quantia de 2:800 contos de réis, destinada pela carta de lei de 21 de maio de 1896 á acquisição, em concurso, de navios de guerra, deduzida a importancia dos que foram adjudicados ás casas Armstrong e Forges e Chantiers, assim como todas as despezas necessarias para o seu completo armamento, em ordem a ficarem no Tejo, promptos para qualquer commissão de serviço, e o excedente do emprestimo realisado, nos termos da carta de lei, tambem de 21 de maio de 1896, sobre os referidos 2:800 contos de réis.

Como se sabe, esse cruzador construido no nosso arsenal é o *D. Amelia*, cujo lançamento ao mar registamos hoje gostosamente, prestando a devida homenagem implicita e explicitamente a quantos contribuiram para tão solemne affirmativa de quanto podem a iniciativa honrada e patriotica e a cooperação e trabalho dos operarios portuguezes quando sabiamente dirigidos.

Comtudo, continuemos ainda a historia da acção do illustre ministro sr. conselheiro Jacintho Candido, para que o quadro fique, ao menos, todo esboçado.

Tendo cahido o governo regenerador antes que a segunda d'aquellas importantes propostas pu-

ENGENHEIRO CRONEAU

desse receber a sancção parlamentar, o novo ministerio progressista continuou honrosamente a brilhante empreza iniciada, e, em 30 de junho de 1897, foi a proposta renovada pelo mallogrado estadista conselheiro Barros Gomes, que declarou ao parlamento: que o seu antecessor fôra um benemerito e que se honrava muito de assim o proclamar, de perfilhar e tornar seus, os seus projectos e de continuar assim a sua obra e tradicções.

Além d'esta iniciativa do sr. conselheiro Jacintho Candido, que hoje se vê no exito alcançado, ha que enumerar ainda a acquisição do rebocador *Berrio*, do transporte *Pero de Alemquer*, recemchegado da India, os vapores *Thomaz Andréa* e *Baptista de Andrade* e o navio *Pedro Nunes*.

Exposta assim, em rapidissimos traços geraes, a historia da reconstituição da nossa marinha de guerra, passemos tambem a historiar o fabrico do novo cruzador.

Em 8 de janeiro de 1897, feitas as installações provisorias, iniciaram-se os trabalhos do novo cruzador na aula de desenho, sob a intelligente direcção do desenhador Galigné.

Em 19 do mesmo mez era o plano geometrico do *D. Amelia* entregue ao conductor dos trabalhos Berthé, e sob as suas ordens iniciaram-se os trabalhos do lançamento do navio á casa, com a coadjuvação de alguns operarios da officina de carpinteiros de machado.

Em 19 de abril seguinte chegava a primeira remessa de material para o *D. Amelia*. Em 18 de agosto tinha logar a ceremonia da cravação do primeiro rebite n'uma balisa do cruzador, ceremonia a que assistiram suas magestades.

Segundo esse plano é a seguinte a descripção do novo cruzador:

Dimensões: — Comprimento total 76,m5 — comprimento entre prependiculares 75. — Boca na fluctuação, carregado, 10,95. — Boca no grosso, 11,08. — Pontal, 6,60. — Profundidade da carena, 3,90.

Calado d'agua: — a meio, 4,12 — avante, 3,77 — a ré, 4,47.

Superficie immersa da casa mestra, — 34m2,466. — Deslocamento total. — 1656 toneladas.

Casco: — O casco é todo d'aço, á excepção do cadaste e roda de prôa, que são de bronze, bem como os tubos-buchas e os supportes do veio motor. A quilha, bem como o sobresano, são de teca e todo o casco é forrado de madeira tambem de teca. O fundo, até um pouco acima da fluctuação, é forrado de cobre.

Protecção: — 12 anteparas completamente estanques. — 1 antepara longitudinal, separando as duas casas das machinas. — 2 anteparas longitudinaes, formando os paioes de carvão.

Os orgãos vitaes do navio são resguardados pela coberta protegida, formada por chapas de aço em duas fiadas, uma d'aço ordinario e a outra d'aço endurecido, com a espessura total de 25 m/m a meio, 27 m/m na parte arredondada e 30 m/m na parte inclinada.

As escotilhas são guarnecidas de braçolas d'aço endurecido, com a espessura de 50 a 70mm nas extremidades.

A altura das braçolas é regulada de fórma que um tiro com a inclinação de 10° negativo não entra na escotilha.

Debaixo d'esta coberta ficam os paioes de munições, as machinas, caldeiras, apparelhos do leme, etc., etc.

Acima da coberta protegida, o navio tem como protecção nas extremidades o «coffredam» e a meio os paioes de carvão lateraes, que estão a 1m,70 acima da fluctuação.

O «blocuhans,» ou casa couraçada do commandante, é de aço endurecido com a espessura de 40mm, e o tubo para passagem das communicações de aço forjado com a de 25mm.

Armamento: — Como armamento, tem as seguintes peças todas de tiro rapido:

1 de 10 c. no castello. — 2 de 15 c. no convez, a vante em reductos salientes. — 1 de 10 c. no tombadilho. — 2 de 15 c. no convez, a ré, tambem em reductos salientes — 2 de 47mm em cima dos reductos das peças de 15 c., a vante. — 2 metralhadoras Northenfield, em cima dos reductos das peças de 15 c., a ré. — 2 peças de 37mm, ou metralhadoras, nas gaveas, sendo uma na do mastro do traquete e a outra no da mesena. — 2 tubos lança-torpedos, a vante e pelo travez.

O municiamento das peças é feito por montacargas electricas, podendo tambem trabalhar a braços.

Alojamentos: — Os alojamentos são muito confortaveis, tanto para os officiaes como para a guarnição, sendo as divisões todas feitas em chapa de aço zincado, substituindo tanto quanto possivel a madeira. Os do commandante, immediato e officiaes são no tombadilho, com grandes janellas abertas nas amuradas. Os dos aspirantes, officiaes inferiores e guarnição, são na coberta, sendo a ventilação e luz dadas pelas vigias abertas nas amuradas e pelas escotilhas do convez.

A enfermaria, podendo conter oito doentes, está installada em magnificas condições, sob o castello da prôa.

Abaixo da coberta protegida a ventilação é feita por electricidade. A illuminação é tambem electrica, com lampadas de incadescencia. Terá o navio tres projectores electricos sendo dois nas extremidades da ponte de navegação e um no mastro da mezena.

Todas as machinas auxiliares, como guinchos, apparelho do leme, ventoinhas, etc., são movidas por electricidade, podendo o tambem ser a braço, em caso de avaria.

Para a manobra das embarcações haverá tambem um guincho electrico.

O apparelho evaporatorio é formado por caldeiras multitubulares, typo «Normand Sigaudy» e construidas no Havre, nas «Forges et Chantiers de la Mediterranée.

As caldeiras estão reunidas em quatro grupos de duas, tendo cada um a sua installação particular, e ficam dispostas em dois compartimentos independentes.

O apparelho motor compõe-se de duas machinas verticaes, de triplice expansão, fazendo cada uma mover um helice. Cada uma d'estas machinas está collocada n'um compartimento independente. Foram egualmente construidas no Havre, nas Forges et Chantiers.

A força total das machinas é de 5:000 cavallos, com tiragem forçada.

Os mastros são de aço.

A coberta protegida, o convez e tombadilho, e em geral, todas as partes habitaveis, são forrados de «linoleum». A parte do convez exposta ao ar livre é forrada de teca, com a espessura de 50 m/m.

O castello e tombadilho são tambem forrados d'essa madeira, respectivamente com 50 e 45 m/m, bem como a ponte de commando com 40 m/m.

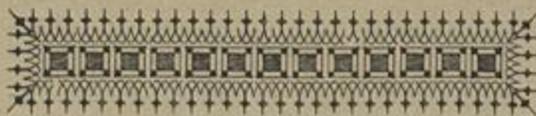
O consumo de carvão nas experiencias com tiragem natural, deverá estar comprehendido entre kilos 0,70 e 0,75 por cavallos e por hora. O aprovisionamento de carvão é de 210 toneladas.

O raio d'acção, a 10 milhas de andamento, será de 4:200 milhas.

A guarnição será de 200 homens, incluindo officiaes.

As cozinhas são no convez, havendo uma para o commandante, outra para os officiaes, outra para os aspirantes, outra para o estado menor e outra para a guarnição. Ha tambem uma padaria.

Toda a mobilia tem sido executada na officina de carpinteiros de branco e poleeiros, sob a direcção do engenheiro naval sr. Pedro dos Santos, e é de magnifico acabamento e bom gosto.

(Continúa) *R. O.*

CHRONICA OCCIDENTAL

D'antes, quando era bom costume das velhas rezarem as contas, nunca no fim do rosario esquecia o Padre-Nosso e a Ave Maria: — Pelos que andam sobre as aguas do mar.

Era Portugal um paiz de marinheiros. N'aquella oração por todos, ia uma pequenina parte pelo neto, pelo filho, pelo marido, que partiram, havia dias, mezes, annos talvez, para essas terras longinquas, d'onde vem o sol, d'onde tantos lutos vieram.

O mar das costas de Portugal, nem sempre o manso gigante, que vem beijar, humilde, as areias d'oiro das praias em setembro, encapellou-se, envolveu-se em nevoeiros e foi ultimamente motivo de muitas lagrimas.

A oração pelos que andam sobre as aguas do mar recebeu-a Deus pelas almas dos pescadores do Algarve. Pouco tempo depois afundava-se proximo das Berlengas um dos vapores que faziam carreira do Algarve para o Porto. Ultimamente veio-nos a inquietadora noticia do abalroamento do *Pero de Alemquer* com um vapor inglez.

Felizmente o desastre não tivera a importancia que lhe haviam querido dar umas primeiras novas aterradoras.

Os animos serenaram breve.

Nem sempre o mar é bom na estação enganadora, n'esse mez de março tão variavel, n'estes principios de abril em que os risos do sol tanta vez se escondem atraz das nuvens carregadas.

O dia correu lindo e á noite no mastro do Arsenal brilham as trez lanterninhas encarnadas que recommendam cuidado ao mareante. O vento sopra do sudoeste, ruge a barra ao longe, agita-se o Tejo. Cuidado.

Não ha que fiar em bocadinhos de céo azul. De negro cinta-se o horizonte; cresce a nuvem, approxima-se. Vai a lua na carreira por entre flocos pardacentos e desgrenhados.

E as trez lusinhas, vertices luminosos do triangulo, tremem dentro dos vidros vermelhos, no mastro do camaroeiro. Do mar nos vieram tristes novas. São compensação das muitas alegrias, glorias, riquezas que nos tem trazido.

O dia 10 foi de festa para a nossa marinha. Para toda Lisboa foi uma festa o lançamento ao mar do novo cruzador *D. Amelia* todo construido no Arsenal sob a direcção do engenheiro, sr. Croneau.

Inconstante a primavera tem corrido. Aos dias de verão succederam outros de verdadeiro inverno. O primeiro chapéo de palha audacioso recolheu novamente ao armario e as senhoras sahiram de novo embrulhadas nas pelles já guardadas, havia dias, bem no fundo das gavetas.

Por onde mais se conhece a approximação das calmas é pelo aspecto que Lisboa vai tomando. As primeiras toiradas a valer vieram substituir, na parte da população que se diverte, os cuidados que deram as primeiras representações, as noites de gala em S. Carlos, as estreias das companhias estrangeiras.

O Guerrita foi o homem da semana.

De theatros já pouco se cuida em Lisboa e só as representações da *Casa da Boneca* continuam sendo discutidas por quantos se interessam pela arte.

Ibsen foi finalmente representado em lingua portugueza.

O talento que Lucilia Simões revelou no desempenho do discutidissimo papel de *Nora* collocou-a de vez, indiscutivelmente, em logar proeminente no nosso desamparado theatro. N'aquella edade, embora a educação recebida e maravilhosamente acceite, não terá havido mais cabal demonstração de extraordinario valor. Nas linhas geraes do papel, em muitos pormenores, Lucilia Simões affirma-se artista de alta capacidade.

A mais celebre das peças do grande norueguez causou assombro em Lisboa, e constituiu um dos mais brilhantes exitos de toda a temporada de inverno.

Ibsen é dos maiores na litteratura moderna. É um dever apresental-o, dal o a conhecer. O enorme prazer que o espirito recebe ao tomar conhecimento das grandes obras primas deixa lembrança immarcessivel. É dever dos artistas ir educando o publico, ensinando-o a apreciar, a estimar, a considerar as obras d'arte.

O publico facilmente se educa. Haja vista o exito crescente que, ainda ha pouco, tiveram entre nós as obras classicas do theatro hespanhol desempenhadas pela companhia de Maria Guerrero. Umas ensinaram a perceber as outras.

O motivo por muitos apresentado contra a exhibição possivelmente remuneradora do theatro de Ibsen é o ser este essencialmente norueguez e muitas vezes incomprehensivel para platéas meridionaes.

O argumento é falso. Umas peças farão comprehender as outras. Nem deixa ás vezes de ser maior encanto uma ligeira nebulosidade.

Mas esse defeito que uns lhes acham é a grande qualidade d'essas tragedias.

Diz Garrett no prologo ao *Bernal Francez*, publicado no segundo volume do *Romanceiro*:

«Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia da poesia popular que leva este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, já no proprio fragmento, já na reconstrucção ou imitação d'ella que ao mesmo tempo dei á luz.

«Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson, uma nova traducção ingleza, differente e mais acabada do que a outra que dei no primeiro volume do *Romanceiro*; de Hespanha chegou tambem ha pouco uma bella e elegante versão em castelhano.

«Juntarei aqui uma e outra para satisfação do publico portuguez e em demonstração tambem d'um grande e importante theorema, que ainda não se tem geralmente demonstrado quanto precisa sel-o entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional é uma obra, mais agrada aos proprios estrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo litterario. O

que não tem côr nacional, o que póde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.»

O mesmo que ao *Bernal Francez* succedeu a outros poemas de Garrett, aos romances de Julio Diniz, ás mais bellas poesias de João de Deus, obras hoje conhecidas em todo o mundo litterario.

Como Ibsen ama o seu fjord, amamos nós o que é nosso, que tambem o merece.

Tem bellezas unicas, só d'elle, o nosso campo, tem encantos a nossa gente, joias a linguagem, primores a poesia.

Um livro nosso, bem nosso, é amigo sempre bem vindo.

Nas *Duas Palavras*, que servem de prologo ao livro *Caçadas Portuguezas* do nosso amigo Zacharias d'Aça, affirma elle nas entrelinhas, esse amor ás nossas coisas, aos *quadros*, *paizagens*, *marinhas*, *figuras*, cujo desenho do natural, guardou preciosamente na memoria do coração, conservou no perfume d'uma saudade.

O primeiro capitulo do livro, Bulhão Pato, vem-nos fallar d'um outro enthusiasta das coisas nossas, que tão maravilhosamente nos tem sabido descrever n'essas perolas de poesia didactica, que serão modelo em quanto fôr falada a lingua riquissima em que foram escriptas.

São historias pequenas, narrativas sem grandes despezas de fantasia em complicados enredos. Historias de caçadores que nos entreteem á lareira nos longos serões de inverno, essas nos são ali contadas por um caçador portuguez de lei, que sabe ver, que sabe sentir, que sabe guardar lembranças e dar-lhe um novo sopro de vida.

Pinhaes e vinhas, charnecas e prados, verdejam; casarias brancas, rios prateados illuminam-se ao nascer da aurora. Ouve-se o gorgear alegre dos passaritos nas hortas. Chilreiam as creanças, sorriem as mulheres, dizem chalaças os homens. Côres, perfumes e musica tudo é nosso n'aquelle livro. Na paizagem opulenta passeia, de espingarda ao hombro, um velho de longos cabellos brancos esvoaçando á brisa da manhã.

E o livro de Zacharias d'Aça faz-nos amar ainda mais o nosso campo, a nossa gente, os nossos velhos gloriosos.

Tanto mais nos encanta a simplicidade d'uma narração, quanto é certo que os enredos rocambolescos parecem querer abandonar á traça os livros e tornarem-se vida commum e real. Apparece agora um homem que diz ser o verdadeiro auctor da morte da Miraldes! O Bigode, accusado, julgado, condemnado estaria innocente! A policia e a justiça andam novamente em compo!

Um processo nunca póde ter fim; a justiça humana é cada vez mais fallivel.

João da Camara.

REY COLAÇO

O grande pianista fez se ouvir em mais um concerto no salão do Conservatorio, a que assistiu a *élite* da sociedade de Lisboa, que tributa ao intelligente e extraordinario artista o preito da sua justa admiração.

E quem não ha de sentir a maior admiração pelo talentoso artista que desde Madrid, onde principiou os seus estudos, Paris onde os secundou, até Berlim onde os concluiu, fez uma carreira triumphal, consagrado pelos grandes mestres, como Mathias, Theodoro Ritter, Barth, Rudorff, etc.

O talento e o estudo produziram o artista que todos admiramos. Em Paris teve de mudar de casa porque os visinhos protestaram contra o seu estudo de sete horas por dia, diz Affonso Vargas, n'um explendido artigo a respeito de Rey Colaço, publicado no *Amphion*. Esta nota é curiosa porque mostra quanto Rey Colaço trabalhou para triumphar.

Mas triumphou, como triumpho foi os primeiros passos da sua iniciação artistica.

Rey Colaço havia concluido o curso no Conservatorio de Madrid e tanto n'aquella capital, como nas principaes cidades de Hespanha se fizera ouvir no piano e conquistado os applausos do publico.

Veio a Lisboa e como diz Affonso Vargas, no citado artigo: «Vinha, como crente da sua immaculada e luminosa Fé, a depôr no altar da patria que escolhera, a sua oblata de novel serventuario, e nos olhos e na fronte brilhava-lhe o clarão sagrado e symbolico dos predestinados para alguma coisa de bello e de grande...»

Ouviu-o Lisboa pela primeira vez no theatro de D. Maria II e ali teve os primeiros applausos com que o publico, que enchia a sala, o cobriu enthusiasticamente.

Mas Rey Colaço não se quedou; a sua alma de artista não estava ainda satisfeita, precisava de mais, queria communicar com os grandes mestres, investigar e apossar-se dos grandes segredos da arte, e foi á conquista.

Em Paris e em Berlim encontrou o que desejava, estudou, luctou e venceu. Vencedor voltou á patria e o publico, que já o applaudira com enthusiasmo, não lhe regateou a sua admiração porque tinha na sua presença um artista de raça que o estudo lapidara como ao brilhante o lapidario.

Succederam-se os concertos e por cada um é um novo triumpho para Rey Colaço, como o que se realisou no dia 16 do corrente, no salão do Conservatorio de Lisboa.

Abriu o concerto com o quartetto op. 47 de Schumannn, executado por Rey Colaço, Hussla, Gerochey e Cunha e Silva, que foram muito applaudidos.

Entre todas as composições que Rey Colaço tocou, destacou-se a sonata apaixonada de Beethoven, trecho de grande valor musical e que Rey Colaço interpretou com alma de um verdadeiro artista, além d'esta ainda tocou trechos de differentes auctores e de differentes escolas, e em que Rey Colaço mais uma vez mostrou quanto é o seu valor musical e quanto é grande a sua alma de artista. Rey Colaço tocou tambem com F. Bahia, *Impromptu* de Schumann a dois pianos, sendo muito bem tocado e muito festejado. Devemos tambem especialisar o fado *Brisa*, original de F. Bahia, composição cheia de encanto e graça, que foi executado por Rey Colaço, sendo o auctor chamado e dando o publico manifestações de apreço e valor.

Finalmente diremos que doirou esta festa Mad.me Ada Wenistein que allia á sua belleza, a graça e distincção com que recita e falla, recitou um monologo *Les amoureux de la fauvette*, sendo delirantemente applaudida.

Tambem cantou a sr.ª D. Julia Estevão da Silva, alumna da aula de canto do Conservatorio, que tem uma voz magnifica, muito segura, comquanto seja um tanto fraca mas muito suave. Vocalisa bem e mostra estar sendo educada n'uma escola de 1.ª classe. Cantaram tambem outras 4 alumnas do Conservatorio, as sr.as D. Alice Marques, D. Marianna Gonçalves, D. Cecilia Lopes e D. Delphina Nunes Victor, acompanhadas a 4 mãos pelas sr.as D. Beatriz e D. Philomena Rocha, umas valsas de Brahms que são de muito effeito, sendo o quartetto bastante applaudido.

Rey Colaço recebeu bastantes brindes e muitas corbeilles de flôres e ramos, sendo no fim muito cumprimentado e sendo alvo de grandes manifestações.

Folgamos em prestar hoje esta singela homenagem ao inspirado artista.

R.

O TESTAMENTO DO POPULARISSIMO PINTOR

Pedro Alexandrino de Carvalho

—

(Continuado do n.º 730)

II

Pedro Alexandrino dictou o seu testamento, «por não poder fazer tanto excesso de escripta», a Miguel José de Cabedo, que lh'o escreveu a 21 de janeiro de 1810, seis dias antes do passamento do testador, o qual, todavia, o assignou após quem lh'o escreveu.

Na vespera, porém, de fallecer, e ainda em pleno uso de todos os sentidos, tendo lido o que dictára, achou que faltava ao documento a «instituição de herdeiro, recommendada pela lei», e por isso dictou uma «Declaração», appensa ao testamento, pela qual nomeou, com effeito, herdeira do remanescente de seus bens, cumpridos que fossem os legados, a sua sobrinha D. Anna Maria de Lara. Escreveu esta declaração, e a assignou com o declarante, Alvaro Dias de Lima.

N'este mesmo dia (26 de janeiro) veiu o tabellião Antonio Joaquim de Torres ás casas de morada do testador, «Passadisso *(sic)* de Santa Martha, freguezia de S. José», [1] e ahi lhe approvou o testamento, achando-o doente de cama, mas em seu perfeito juizo, segundo o parecer d'elle tabellião e das testemunhas a este acto presentes. Entre estas estava «Joaquim José de Sampaio, pintor figurista, assistente aos Anjos». [2] A residencia de Pedro Alexandrino era no predio que da rua do Passadiço torneja para a rua da Caridade, para onde tem os n.os 1, 3 e 5, escada para o primeiro andar em n.º 3 e duas lojas. Este 1.º andar forma quasi rez do chão na rua do Passadiço, e sobre elle corre o 2.º andar, onde o artista morava, pagando de renda réis 48$000, annuaes. A porta da escada para este 2.º andar tem hoje o n.º 15. Ha uma outra porta, n.º 17, serventia do andar inferior. Sobre o 2.º andar, uma janella de agua furtada, ao parecer, dependente do mesmo andar. O predio tem certa apparencia nobre que o extrema das outras construcções circumjacentes, de mais humilde perspectiva. As janellas do 2.º andar, morada do artista, são sacadas, tendo as vergas levemente recurvas, como era estylo das casas de apparencia do principio do seculo passado. [3]

A 27 de janeiro de 1810, transitava, emfim, para melhor vida o popularissimo artista, que era sepultado em S. José, «sem epitaphio, segundo o uso do paiz», na phrase pungentemente ironica do seu amigo e collega, e seu biographo, Cyrillo Volkmar Machado. [4]

*
* *

O testamento está escripto em nove laudas de papel.

Começa pela profissão de fé catholica do testador, exprimindo a esperança da salvação eterna, não pelos proprios merecimentos, mas pelos da morte e paixão de «meu Senhor Jesus Christo». Toma a Virgem Maria, o Anjo da sua guarda, santo do seu nome e todos os mais da côrte celestial por seus intercessores, para que a sua alma, quando d'este mundo partida, vá gosar da Eterna Bemaventurança.

Passa depois a declarar a naturalidade, (Lisboa) a pia baptismal (Anjos), a edade (80 annos) a legitima filiação, e o estado civil (viuvo, e sem filhos, por ser sua defunta mulher, já viuva quando com elle se recebeu, quinquagenaria).

Começa em seguida o testador a enumerar as esmolas que determina para seus suffragios.—Offerta de 12$800 réis ao parocho. Missas de corpo presente, de esmola de 240 réis cada uma, resadas na parochia nos tres dias seguintes ao do seu passamento, e, no mesmo lapso de tempo, missas de 300 réis cada uma, nos Congregados da Missão, de Rilhafolles. Manda que levem a sua «*Carta de pae de frades*» a S. Pedro de Alcantara, com 6$400 de esmola [5] As irmandades do Santissimo

[1] A numeração policial nas ruas de Lisboa já existia no mez de setembro de 1802, ao menos na cidade baixa. Ha prova do facto na *Gazeta*.

Em 1805 tambem já a havia na rua de S. José, como se póde ver no *Almanach de Lisboa*, d'esse anno.

É porém possivel que, realisando-se este melhoramento com tal ou qual morosidade, só chegasse depois de 1810 ás ruas menos frequentadas da freguezia.

Certo é com effeito, que nos roes das desobrigas da parochia só começa a apparecer a numeração policial em 1816, como verificámos, por favor do respectivo parocho.

Quanto á denominação da via publica onde Pedro Alexandrino residia, temos presente a «*Regulação para o estabelecimento da pequena posta, etc.*», de 7 de maio de 1800, mandada imprimir no anno seguinte, typographia de Galhardo, e ahi nos apparece já essa via publica com a designação de «*Rua* do Passadiço, ás travessas de S. José.»

[2] Adiante o veremos entre o numero dos contemplados pelo nosso artista.

Sampaio foi, em seu tempo, e para a Arte, o que em nossos dias foi tambem o aggregado da Academia das Bellas Artes, José Maria Franco; — um bom pintor restaurador, intelligente, sisudo e consciencioso.

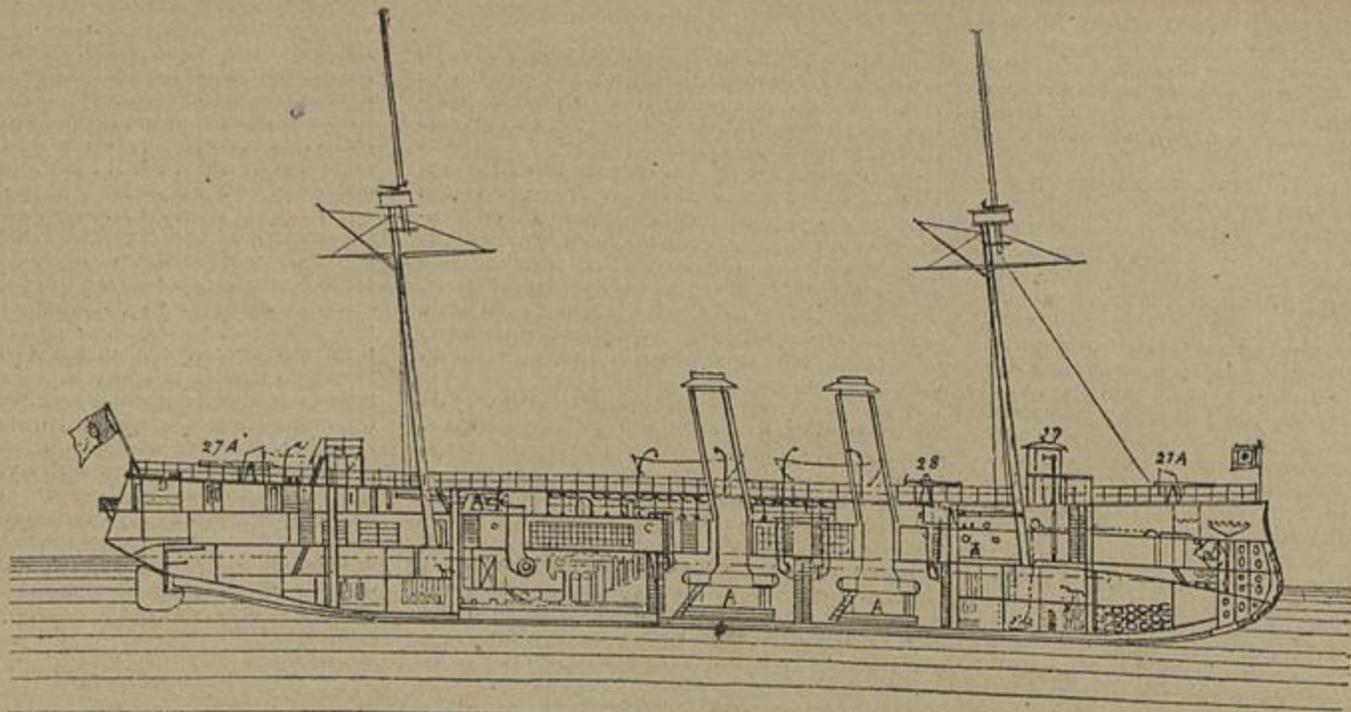
Como pintor copista, pertence a José Maria Franco, e se é certo o que se lê no *Dictionnaire Artistique*, de Raczynski, a parte superior da copia da *Transfiguração*, na Academia. Como restaurador, occorre-nos, por ser do tempo em que começamos a tratal-o, o quadro n.º 51, sala F, do Museu — *A Veronica* —, em cujo restauro o vimos occupado.

[3] Uma parte d'estes pormenores foi devida á benevola obsequiosidade do sr. Cabral da Costa, meritissimo archivista do Tribunal de Contas, que sabe bem onde era a morada de Pedro Alexandrino, e nol-a indicou. O andar que o artista occupava e a renda que pagava apurou-se dos livros da *Junta da Repartição das Decimas, anno de 1809*, no Archivo do sobredito Tribunal. Os esclarecimentos de actualidade, aspecto da casa e numeração actual são nossos, e obtidos por inspecção propria no local.

[4] Eis a sua certidão de obito:

«Logar de um sêllo de quarenta réis. — Francisco Monteiro Puim, Prior Encommendado da Parochial de S. José de Lisboa. Certefico, que no L.º 12 do Registo dos Obitos d'esta Freguezia de São José de Lisboa a f.as 92 v.º se acha o assento do theor seguinte:

Aos vinte e sete de Janeiro de mil oitocentos e dez annos falleceu nesta Freguezia de São José, na Rua do Paçadisso, só com o Sacramento da Extrema-Unção, e com testamento, Pedro Alexandrino, viuvo de Thereza Roza de Jesus, foi sepultado nesta Egreja de São José, de que fiz este assento, que assignei. O Coadjutor José Pinto da Costa. Nada mais contem o refferido assento, que fielmente trasladei do sobre dito Livro ao qual me reporto. Parochial de S. José de Lisboa 21 de Junho de 1867. O Prior Encomd.º Francisco Monteiro Puim — Logar de uma estampilha de vinte reis, inutilisada pela assignatura de — O Prior Encomd.º Francisco Monteiro Puim. — Reconheço o signal supra. Lisboa, 4 de Fevereiro de 1868 — Em testemunho de verdade — Logar do signal publico. — O Tabellião ajudante, José da Costa e Souza.»

[5] É notorio e sabido quanto os conventos, nas suas relações com os fieis, eram obsequiados, e quanto os frades eram geralmente bem acceites e bem vindos onde quer que appareciam. As pessoas que por seus beneficios aos conventos, ou por seus servi-

PLANO LONGITUDINAL, ALÇADO

CONVEZ

COBERTA

1.º PORÃO

2.º PORÃO

LEGENDA

Convez...

1 Salão do commandante
2 Camarote do commandante
3 Camarote dos officiaes
4 Canhões de 150
5 Enfermaria e botica
6 Escovem
7 Cosinhas
8 Lavatorio da guarnição
9 Casa de jantar dos sargentos

AA. Trincheiras
BB. Sala de jantar

Coberta..

10 Paiol do commandante
11 Paiol do velame
12 Officina de machinas
13 Lavatorio para machinistas e fogueiros
14 Bancadas da guarnição
15 Tubos lança torpedos
16 Alojamento do mestre e dos conductores
17 Despênsa

BB. Paiol do carvão
C. Alojamento para guarda marinhas
D. Alojamento dos machinistas

1.º porão.

18 Casa do apparelho do leme
19 Tanques para aguadas
20 Munições para armas portateis de 47 e 37
21 Paiol do vinho

B. Machina auxiliar
AA. Paiol do carvão

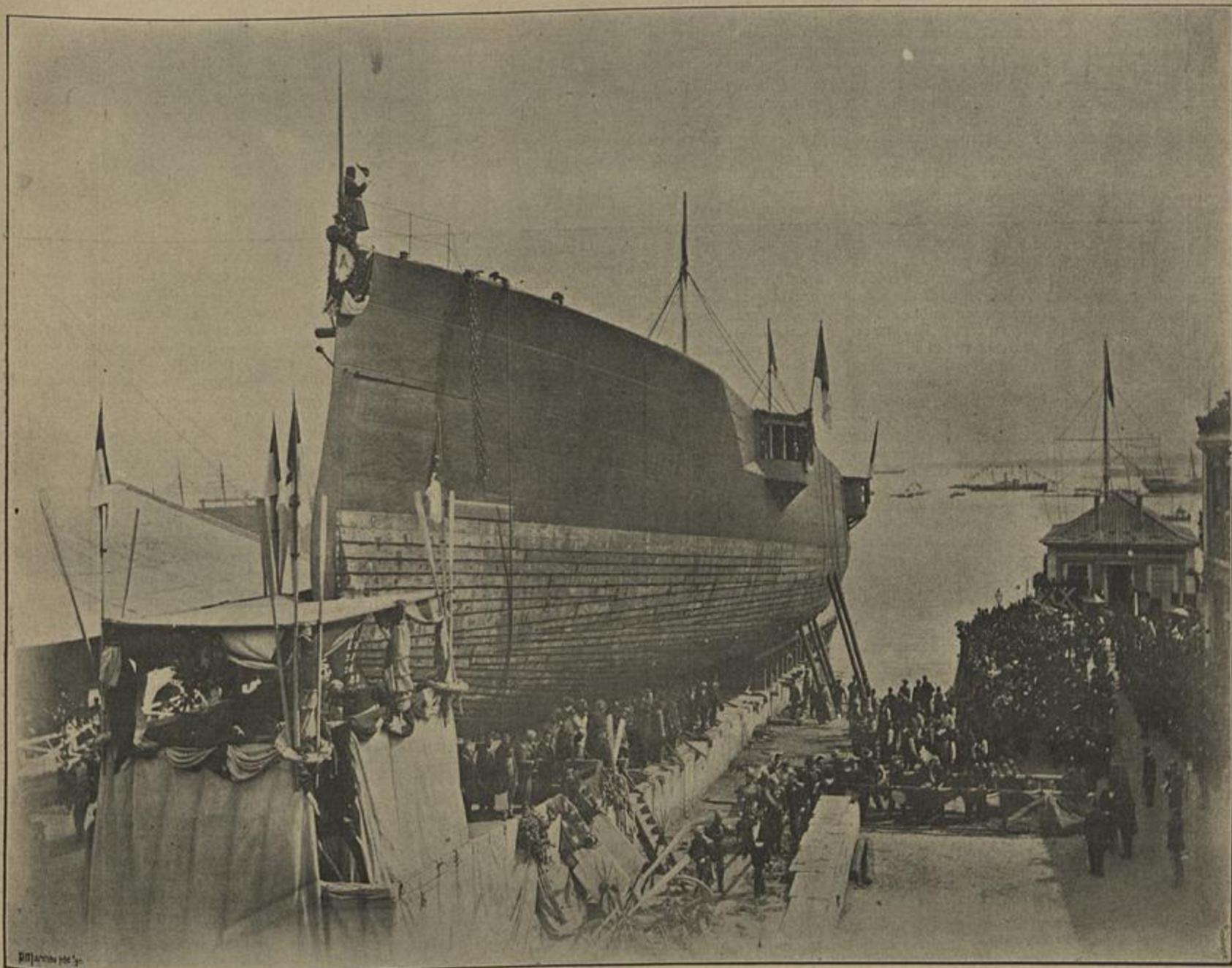
2.º porão.

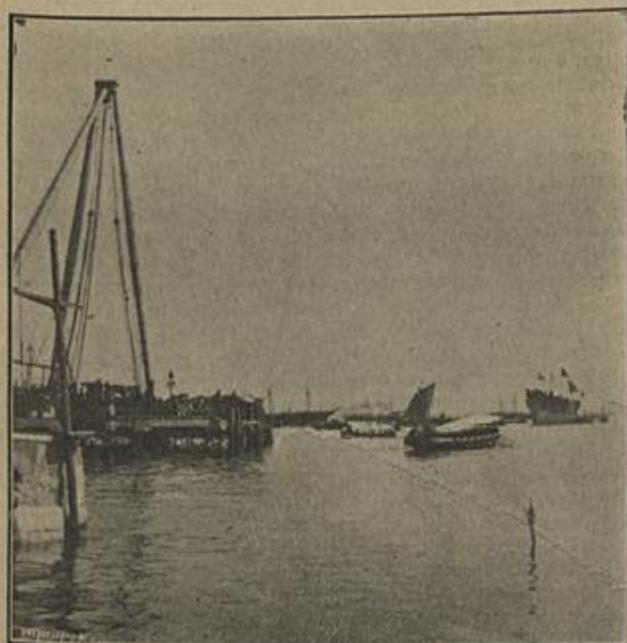
22 Machina
23 Caldeiras
24 Amarras
25 Paiol para munições de 150
26 Paiol para munições de 100

AA. Paiol do carvão

27 Blok-hauss
27 A Canhão de c. 100
27 A' Id. Id. » »
28 Peça de tiro rapido c. 47.

Escala de $\frac{0,002}{100}$

O CRUZADOR «RAINHA D. AMELIA»

O CRUZADOR «RAINHA D. AMELIA» NA OCCASIÃO DE SER LANÇADO AO MAR

(Copia de photographia do sr. Coutinho)

O CRUZADOR «RAINHA D. AMELIA» DEPOIS DE LANÇADO AO MAR

NO ARSENAL DEPOIS DO LANÇAMENTO DO CRUZADOR AO MAR

(Copia de photographias do sr. Nicolau Pinto)

da sua freguezia, da do Coração de Jesus, da dos Martyres [6] e as duas da Via Sacra, de S. José e da Salvação e Paz (na calçada de Sant'Anna), de todas as quaes tinha patente, lhe farão dizer as missas que são dos respectivos compromissos, uma vez que se demonstre ter o testador pago os competentes annuaes. Seu corpo será conduzido ao logar do enterramento pelas suas irmandades.

Feitas estas determinações, enceta o testador a lista de seus legados, que apontamos pela ordem que teem no testamento.

A cada uma de suas sobrinhas, D. Anna Maria de Lara e D. Maria Camilla, e a sua enteada D. Marianna Barbara, deixa 200$000 réis, por uma só vez.

A seu compadre Joaquim José de Sampaio, que, segundo Cyrillo, (*Memorias pag. 122*), fôra seu discipulo e seu ajudante, outros 200$000 réis, tambem por uma só vez. A seu afilhado Nicolau José (Alexandrino) 400$000 réis, em dinheiro de metal, por uma só vez. A seu irmão Francisco Xavier, 50$000 réis, sób condição egual [7].

Deixa mais 24$000 réis, «que servirão para hum fumo», pagos por uma só vez, e, podendo ser, em dinheiro de metal, a cada uma das pessoas em seguida nomeadas, convém a saber: — a sua cunhada D. Joanna, a sua prima Genoveva Violante e a seus sobrinhos padre José Ignacio, Freire João Liborio, José Cyprianno, Joaquim Gerardo e o capitão Francisco Elysiario.

A José Joaquim Gomes, acaso o filho do pintor Jeronymo Gomes Teixeira, de quem Cyrillo dá noticia a pag. 217 de suas *Memorias*, deixa tambem 19$200 réis, e, «podendo ser, todos em dinheiro de metal [8]».

Com egual recommendação, e quantia egual, contempla tambem Francisco João.

Sua mulher tinha uma neta, filha de um tal José Maria. A esta haviam cabido por inventario da mãe, 16$000 réis, que o juiz deixara ficar na mão d'elle testador.

Ordena pois que a esta quantia se ajunte mais a de 4$000 réis, e que tudo se lhe entregue.

Tambem ao enteado João José Libanio manda dar 12$800 réis, por uma só vez.

(Continúa) *Gomes de Brito.*

OS FORASTEIROS NA RUSSIA

POR

POULTNEY BIGELOW

(Concluido do n.° 730)

V

Entre S. Petersbugo e Kowno detive me a cavaquear com um amigo que conhece menos mal os tortuosos methodos do governo russo. Contei-lhe a historia, perguntando-lhe o que pensava a tal respeito.

— Nada mais simples — respondeu. — Convidam-n'o, com toda a delicadeza, a sahir quanto antes da Russia. Desde que aqui poz pé que anda vigiado, e pode muito bem ser que agóra mesmo o tragam de ôlho. Ainda que estivesse um mêz á espera em S. Petersburgo, creia que não apanhava resposta ao seu requerimento.

— Mas, — observei — e se eu seguisse viajem sem licença?

— Nunca viria a saber de que ládo lhe éra mandada a paulada. Prendêl-o-iam, mal chegasse a um certo ponto, e conserval-iam uma semana inteira submettido a severa investigação. E o que é ainda mais provavel — accrescentou — n'uma qualquer noite tenebroza, faziam-lhe os barcos em lenha; aprehendiam-lhe alfaias, papeis, valores, e pregavam com os senhores pr'ahi no primeiro charco...

— Mas — insisti — não quererá convencer-me de que o governo d'uma grande nação permitiria jámais semelhante coisa?

— Ora! Está claro que não! O nosso paternal governo manifestaria o mais profundo sentimento em vista de semelhante accidente; insistiria em que o attentado não fôra obra da policia, mas sim d'um bando de salteadores. Em todo o caso, detel-o-hiam antes de que se houvesse afastado pr'ahi cem milhas de S. Petersburgo, e, o que mais é, o senhor nunca conseguiria provár que fôra o governo quem o tinha detido.

— «Nós cá na Russia vamos muito ávante da Europa occidental. Copiámos da America a lei de Lynch, com a differença de que é o governo quem a applica. Assim que qualquer individuo se torna importuno, que lê, escreve ou fala de mais, não nos encommodamos com juizes nem com escrivães. Desapparece — e acabou-se. Se os amigos vem perguntar por elle, o governo encolhe os hombros, e que não sábe nada a tal respeito.

«Déram cabo d'elle os ladrões, talvez, ou então, suicidou-se. O governo, já se vê que não póde ser responsavel por todo e qualquer viandante que venha parar á Russia! — ora éssa!

«Assim que um addido militar se torna suspeito, e imaginam que sabe de mais ácerca de negocios russos, invadem-lhe desde logo a residencia, mettendo tudo a sáque. — E não é o governo — isso sim! — Fazia lá semelhante coisa! São invariavelmente os gatunos. Mas, é exquisito — que importancia que os gatunos russos dão a cartas e papeis!

«O addido militar allemão já por duas vezes lhe entráram em casa á força, e elle, para conjurar terceira invasão, afirmou ao chéfe da policia que perdia o tempo em lhe dar busca ao domicilio, porque a verdade é que nunca alli conservava papeis importantes. D'então para cá, nunca mais os ladrões o incommodaram.»

VI

Descêmos na plataforma da estação de Kowno, ás quatro e um quarto, em manhã fria e nebulósa, girámos ao acáso pelas ruas d'esta praça de guerra, até que os habitantes, judeus e soldados, as principiaram a animar com a sua presença, e a seu tempo, embarcámos n'um vapôrzinho que navéga nas aguas do Niemen em direcção ao mar. Acertei dirigir me a um passageiro, fazendo-lhe repetidas perguntas, ás quaes me respondeu com extrêma amabilidade, e falámos muito acêrca de contrabandistas, judeus, cossácos e quejandos assumptos de interesse geral. Dois individuos fardádos observavam-nos desde o lado opposto do vapôr com singular intensidade, motivo que me levou a dar a entender desde logo ao tal nosso amigo russo que eramos tão somente excursionistas americanos, e que a nossa visita ao seu formôso paiz tinha como fim unico admirar-lhe os aspectos pictorescos.

Assim que parou o vapor, desappareceu o nosso homem, e o Remington foi sentar-se á prôa, a esboçar estudos de trajos campesinos. Mal teria tempo o artista de rabiscar uma ou duas paginas, eis que sinto alguem pôr-me a mão no hombro e a voz do meu amigo russo segredar-me ao ouvido:

— Faça com que o seu amigo deixe de tomar apontamentos, se não quérem ir passar uns dias de gaióla.

— Ora essa! respondi; — não está tomândo apontamentos; é um artista americano reputadissimo, e está enchendo o seu album com bosquejos de trajos populares.

Empenhado em o convencêr da innocencia do Remington, mostrei-lhe o livrinho, atulhado de figurinhas esboçadas, circumstancia que concorreu, porém, a aggravar ainda mais o caso.

— Não é negocio para brincadeiras — insistiu, com intimativa. — Vão a bordo dois officiaes que os trazem de olho. Não se passa um só dia em que não desappareça alguem por suspeitas de espionagem. Sem irmos mais longe, duas mulheres, a semana passada, fôram parar com os óssos aos calaboiços da fortaleza, só por que se aventuraram inadvertidamente a pisar terrêno suspeito. Tinham vindo rio acima, com os maridos, a gozar um dia feriado, e sabe Deus o que lhes custou o serem sóltos. Aquelles sujeitos que os estão vigiando, não são caras que estabeleçam distincção entre desenhar o nariz de um campónio e vádiar pela frente d'um baluárte.

Agradecemos-lhe o conselho desinteressado, o Remington, sem mais demora, guardou o livro na algibeira, e o nosso amigo lá foi outra vez travar conversa com os officiaes mal-encarádos, tentando, visivelmente, convencêl-os de que não merecia a pêna engaiolar-nos, pois eramos dois artistas americanos, dois estarólas unicamente e com escassissima bagagem. Se não fôra a intervenção do tão intelligente mancebo russo, tenho quasi a certeza de que nos teriam deitado a unha assim que pozéssemos pé em terra, roubando-nos todos os nossos esboços e apontamentos, obrigando-nos a retroceder para Kowno, onde jazeriamos uma ou duas semanas no calaboiço, dependentes de que o nosso representante em S. Petersburgo viésse a descobrir algum precedente diplomatico que justificasse o elle pedir que nos soltassem.

Os dois officiaes seguiram nos até á ultima estação na Russia, até que nos viram transpôr a fronteira, e depois, elles lá foram até ao mais proximo telégrafo, dar parte em como tinham logrado saccudir dois forasteiros abelhudos para fóra do paiz, e que o haviam feito com tanta limpeza, que ninguem encontraria pretexto para se queixar; ninguem podia accusar o governo do tzar de ter infringido as regras da bôa cortezia internacional!

No momento em que estou rabiscando estas linhas, chega-me ás mãos uma carta do nosso encarregado, confirmando tudo quanto ali nos disséram ha mais de um mez, a saber: que o governo russo respondeu com o silencio ao seu requerimento, dando-lhe assim a entender que o Remington devia abster-se de desenhar apontamentos na Russia, e que os Estados-Unidos mereciam um *récipe* por ter enviado um commissário a investigar ácerca do plantio de arvoredo nas cóstas do imperio.

Por outras palavras, o governo russo tratáva o Remington e a minha pessôa exactamente como tratara a commissão d'emigração enviada pelos Estados-Unidos ha um anno. Quando o Japão se negou a receber um commissario americano, haverá uns trinta annos, mandámos-lhe uma esquadra commandada pelo contra-almirante Perry e insistimos em favor das formalidades da cortezia europeia. Assim mostravamos os dentes a uma nação briosa com quanto fráca. Hoje, porém, os nossos represêntantes são na Russia tratados com a mesma semcerimonia que aprendêmos a esperar na China, e, ultimamente, no Chili.

VII

Kowno dista apenas cincoenta milhas da fronteira prussiana, e está edificada na margem de um rio a que os russos chamam Myemen, e Memel os allemães. Era o caminho unico que se nos antolhava afim de alcançar Tilsit sem ter de arribar primeiramente á costa do Baltico; e, como nos ficasse na linha directa de caminho de ferro que vae de S. Petersburgo a Berlim, maior rapidez nos promettia. Os comboios expréssos galgam em trinta horas, e os ordinarios em quarenta e oito, esta distancia não inferior a 550 milhas. Afim de evitar qualquer embaraço eventual com respeito á nossa retirada, aceitámos a obsequiósa intervenção de um russo, nosso amigo, ligado ao ministerio dos negocios estrangeiros. Acompanhou-nos á propria agencia dos expréssos, explicou minuciosamente o que tinhamos que fazer, arranjou as coisas de módo que os nossos barcos fossem expedidos sem demóra pela grande velocidade, junto com o comboio de passageiros, elle proprio tirou o conhecimento, e deixou estipulado que pagariamos o pórte no acto da entréga das nossas canôas.

Déramos á remêssa das canôas vinte e quatro horas de anticipação, e quando chegámos a Kowno viémos a saber que nem signaes ali havia de semelhantes embarcações. O chéfe da estação declarou não entender francez ou allemão, mas, auxiliados por uma rapariga assaz intelligente que operava no telegrapho, lá nos conseguimos en-

---

ços aos monges bem mereciam das respectivas communidades, costumavam estas offerecer um diploma ou carta a que chamavam significativamente de *Pae de Frades*, porque assim eram por elles considerados os que os dadidavam, accolhiam ou por qualquer modo se singularisavam obsequiando-os.

Pedro Alexandrino, cujos pinceis mais de uma vez se prestaram graciosamente a ornar varias casas religiosas do seu tempo, tinha o direito de ser considerado benemerito de mais de uma religião das que em Lisboa tinham séde ou casa. A de S. Pedro d'Alcantara, de frades loios, reconhecera-lhe os serviços pela forma adoptada geralmente para esse fim. O digno artista ainda n'este ponto nos dá uma prova do bem formado da sua alma e da generosa e delicada natureza de seus sentimentos na disposição a que esta nota se refere. Tal circumstancia justifica a tradição que dá a Pedro Alexandrino a alcunha porque no seu tempo seria conhecido de — *Pintor dos Frades*.

[6] Pedro Alexandrino pintou nos Martyres tectos e altares, excepção feita dos ornatos do tecto do corpo da egreja, devidos ao pincel de José Antonio Narciso, e dos do tecto da capella-mór, executados por Jeronymo Gomes Teixeira.

Na sacristia da irmandade do Santissimo tambem é do Pedro o quadro dos Apostolos, como se explica na *Mnemozine Lusitana*, tom. II, pag. 249, em combinação com Cyrillo, *Memorias*, pag. 217 e 221.

São de Pedro Alexandrino os quatro evangelistas no tecto da parochial do Coração de Jesus, e, segundo tradição, o tecto da ermida do Senhor Jesus da Salvação e Paz, na calçada de Sant'-Anna.

[7] Cyrillo (*Memorias*, pag. 122) dá o discipulo de Pedro Alexandrino, José Antonio Parodi, por cunhado do mestre.

Parodi seria casado com alguma irmã de Pedro Alexandrino, não nomeada, ou seria irmão da mulher do nosso pintor, Thereza Rosa de Jesus?

No testamento são contemplados nem menos de duas sobrinhas e cinco sobrinhos.

Serão todos filhos do irmão, Francisco Xavier?

Entre os sobrinhos, adiante mencionados figura o padre José Ignacio. Pode bem ser o parocho que em 1857 conhecemos pastoreando a freguezia do Coração de Jesus, padre José Ignacio de Gouvêa Coutinho. Este sacerdote alcançaria então os seus sessenta e oito annos.

Em 1810 era cura n'esta parochia padre Feliciano de Nossa Senhora Gouvêa Coutinho.

[8] O pintor ornatista Jeronymo Gomes Teixeira, além dos ornatos do tecto da capella-mór dos Martyres, pintou tambem os do tecto da desapparecida parochial de Santa Justa e Rufina, (depois theatro de D. Fernando, hoje Hotel Pelicano.

Cyrillo opina, ácerca do filho de Jeronymo Teixeira, que elle foi «inferior em talentos a seu pae», o qual «pintava grandemente os objectos de architectura, ornatos e perspectiva tendo na combinação das côres um gosto particular».

tender. Mostrei os passaportes e as credenciaes ao empregado, afirmei-lhe que esperávamos encontrar ali os nossos barcos, e indagámos d'elle se acaso nos seriam entregues, assim que viéssem. Respondeu affirmativamente.

Perguntámos-lhe então se tinhamos que lhe pagar o pórte e disse que não éra necessario; que, mal chegassem as embarcações, seriam desde logo remettidas para alem da fronteira, onde teriamos de satisfazer a despêza.

Deixei, pois, á intelligente telegrafista o nosso endereço e dinheiro para satisfazer a importancia dos telegrammas. Rejeitou a gratificação que lhe offereciamos—prova evidente e conclusiva de que não éra russa.

Succedia tudo isto em 10 de junho. Entretanto, eu e o Remington iamos rio-abaixo no vapôr matar tempo em varias excursões pouco distantes; e finalmente, estabelecêmos quartel em Trakehnen que fica a umas dez milhas da fronteira russa, distando sessenta, apenas, de Kowno, e ali aguardámos com toda a paciencia o advento das nossas canôas. A 11 de junho recebiamos telegramma em russo, o que representava para nós nóva arrelia: «—*Barcos... madeira... pagár... Kowno—metal, pagár... Trakehnen.*»

Um funccionario superior allemão, em cuja casa estavamos hospedados, era, por feliz acaso, amigo intimo do consul allemão em Kowno, portanto, afim de simplificar o negocio, teve a bondade de telegraphar ao dito consul que satisfizésse as despezas por compléto, e envidasse esforços para activar a remessa das embarcações. Como devem suppôr, ficámos convencidos de que semelhante alvitre constituiria para a policia russa garantia sufficiente.

A 13 de junho, quando esperávamos ir já navegando nos nossos barcos rio-abaixo pelas aguas do Prégel, eis que chega novo telegramma de Kowno, ordenando ao chefe da estação que não deixásse sahir os barcos emquanto não cobrásse a quantia de noventa e dois rublos. Respondêmos, já se vê, que não faziamos questão de dinheiro, que o consul allemão responderia pela importancia do despacho, e que os barcos representavam para nós urgente necessidade.

Outras vinte e quatro horas de espéra, e d'ahi, maisoutro telegramma irritante—«que em Kowno não remetteriam os barcos em quanto não fossem embolsados do despacho. Ficámos indignados, haviamo-nos promptificado a pagar a despeza, fôsse qual fôsse, e não acceitáram; e demais, o consul allemão devia de constituir garantia mais que sufficiente, de que não éramos nenhuns vagabundos. Até que emfim, a 16, eis que chega um telegramma do consul, annunciando que tinha em seu poder o recibo da despeza, e o que nos extorquiam montáva á quantia de 100 rublos, ou 70 dollars—isto, é, o dôbro, aproximadamente, do que deveriamos ter págo. Enviámos-lhe telegramma annunciando que satisfizéramos a quantia, e remettêmos os barcos para o seu destino.

De ha muito nos resignáramos á ideia de que os russos, lá em Kowno, estavam fazendo quanto podiam para mallograr nos a excursão nautica, mediante estorvos de toda a casta, e sem a minima justificação.

Finalmente, depois de infinitos dissabores, arrelias e despezas desnecessarias, conseguiram os barcos chegar a Stettin, sobre o Baltico, a 2 de julho, tendo partido a 8 de junho!

A policia de Kowno mordeu-lhe a curiosidade de saber o que teria dentro o bóte do Remington, de modo que lhe furáram ás martelladas a bella coberta de mógno, isto não obstante o irem propositalmente abertas as escotilhas!

O Remington demorou-se ainda um mêz na Europa, esperando dia a dia que o nosso representante em S. Petersburgo alcançasse, para elle, pelo menos, licença da policia, para desenhar apontamentos. Agora, porém, já abalou, e cá fiquei eu para registrar os lindos resultados de tão memoravel viagem nautica em caminho de ferro—um mez estragado, algibeiras vazias, e uma canôa arrombada.

Em conclusão, accrescentarei que, decorrida uma espéra de 3 mêzes, e quando já de nada nos servia, as authoridades russas tivéram a louvavel condescendencia de facultar licenças officiaes tanto ao auctor como ao desenhista.

Pin-Sél

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA * * *

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO II

XI

I

Era filha de Palma, a linda Violante, amante do Ticiano.

Quando floriu em seu rosto a decima quinta primavera, o pintor ajoelhou aos pés da filha, como deante da imagem da Santa Virgem Maria, rainha dos anjos.

«Violante. Violante,—lyrio em meu amor desabroxado sobre as ondas azues da minha formosa Veneza—será no mundo a tua gloria sem par. A Virgem que vou pintar para a egreja da Redempção será teu fiel retrato, ó Violante!

«Porque tu és o retrato das santas mulheres que estão no alto céo, junto de Deus.

«Porque o oiro dos teus cabellos veio-nos do céo como um raio d'amor; porque a chamma que luz em teus olhos é a chamma divina que os anjos accendem em tripodes de prata.»

II

E terminando estas palavras, o pintor pegou na palheta e pintou para maior gloria da arte e maior gloria de Deus.

A Virgem que se animou no quadro de madeira de cedro foi obra prima irradiando amor e verdade.

Terminado o quadro, Violante voou como uma avesinha para cantar a sua canção. Nascera para amar como toda filha da terra. Até Deus, que ama a mocidade em seus desvarios, deita rosas perfumadas no caminho da Magdalena peccadora.

III

Ia ella cantando a sua canção, quando encontrou Ticiano com um amigo d'elle, Giorgione.

—Amigo Ticiano, que obra prima sahiria da nossa palheta, se uma rapariga assim quizesse subir á nossa officina! Que Diana caçadora altiva e elegante! Que Venus resplendendo vida e luz!

—Se ella me entrasse na officina, disse Ticiano commovido, cahiria de joelhos a seus pés e quebraria o pincel.

Violante entrou na officina de Ticiano, que não quebrou o pincel. Depois de ter com ella respirado todos os perfumes trépadores de uma alva d'amor, pintou-a com as mãos cheias de flores, a mais formosa das formosas.

IV

Giorgione quiz ver o quadro, mas Ticiano escondeu o quadro e a mulher.

Por longo tempo viveu no saboroso misterio d'aquella paixão fresca e deslumbradora: era como um raio de luz no orvalho.

Um dia,—lamentae a filha de Palma o Velho!—Ticiano expoz o retrato da amante. Todos a amariam; mas elle ainda a amava?

Depois de haver sorrido aos venezianos pelos olhos e pelos labios da amante, Ticiano, ebrio de gloria, metamorphoseou Violante em Venus sahindo das ondas, vestida de transparentes aguas.

Lamentae Palma o Velho, que já não via a filha senão nas Virgens da Redempção!

V

A arte afogára o Amor: era tão formosa Violante, que em sua formosura achou consolação; era d'este mundo o reino d'ella e ella reinou.

Uma tarde, ás horas da bençam, entrou na egreja da Redempção. Viram-a entrar e diziam em vólta d'ella. «Violante enganou se na porta.»

Respirando o fumo dos thuribulos, cahiu de joelhos deante do altar, onde o pae vinha orar muitas vezes. O orgão dizia os louvores de Deus; as moças venezianas cantavam com argentinas vozes hymnos á Rainha dos Anjos.

Violante ergueu os olhos, os olhos bellos tanta vez accesos em paixões profanas.

VI

Foi-se-lhe o olhar para a imagem d'uma Virgem, a mais pura, nobre, adoravel de quantas havia na egreja.

«Santa Maria, mãe de Deus, murmurou, rogae por mim.»

Maravilhava-a aquella belleza divinal da Virgem, que parecia creada por um sorriso de Deus.

«Ai de mim, dizem-me formosa e são logros do amor; eis a belleza em todo o brilho com um pensamento do céo.»

Uma lembrança agitara-lhe o coração, uma lembrança vaga, relampago dentro da nuvem.

VII

«Quando eu era criança, disse contemplando a Virgem, quando eu tinha desaseis annos...»

Cahiu desmaiada sobre a pedra. Aquella Virgem tão bella, destacando-se n'um céo azul e d'oiro, era a Virgem de Palma, o Velho.

Violante reconhecêra-se.

«Meu Deus! exclamou devorando as lagrimas, porque permittiste esta mudança?»

E ella, que, ainda na vespera, tão linda se achava em seu espelho de Murano, escondeu o rosto, como se então visse o horror de seus desvarios.

VIII

Ergueu-se e sahiu da egreja, respirando com sombria voluptuosidade o amargo perfume do tumulo.

Para onde ia? O sol, o amoroso sol de Veneza seccou a ultima perola cahida dos olhos d'ella.

Para onde foi? Era na estação em que os pampanos começam a descobrir as majestosas riquezas.

Encontrou Paulo Veronez, que a coroou com os primeiros cachos doirados da Brenta.

IX

—Ó Virgem minha! dizia Palma, o Velho.—Ó sonho meu! dizia Giorgione.—Minha amante! dizia Ticiano.—Minha Bacchante, dizia Paulo Veronez.

E quando Violante terminou a lenda ajuntou tristemente:

—Sou formosa como Violante; tenho talvez mais viveza, amo-te como nunca ella amou os namorados; mas eu não terei lenda. E quando eu fôr morta, ninguem me verá n'um quadro de Ticiano, mais viva do que d'antes.

XIV

DE COMO NUNCA SE DEVE PERDER A CHAVE DO THESOIRO

—Meu caro Hauteroche, disse Mario, falastenos, me parece, d'um drama e só nos dás uma elegia!

—Socega, o drama não tarda, drama sem gritos, sem barulhos, sem feridas abertas, mas tanto mais terrivel quanto mais tranquillo.

E depois de um suspiro:

—Violante fechava-se ás vezes, um dia inteiro, no atelier, refugio adoravel, onde se entretinha a pintar de côr certas paizagens de Veneza ou a compôr melodias extranhas n'um piano que acompanhára os ultimos cantos da Malibran.

As horas que eu passei no doce sanctuario, escutando-lhe a voz cheia de ternura ou olhando para a mão d'ella, quanta vez preguiçando n'um secreto pensamento!

Chego ao drama.

João, o criado que me empresta agora o dinheiro que então me roubou, veio dizer-me misteriosamente que um homem de fato no fio, que parecia beleguim ou coisa da justiça, desejava falar comigo.

Calculei logo que se tratava de uma letra de dez mil francos, que dois mezes antes tinha assignado a um maldito agente de negocios, mediante um adeantamento de cinco mil francos em dinheiro sobre a herança d'uma tia, solteirona pobre, que déra em avarenta para deixar-me uma pequenina herança por sua morte.

Fui ter com Violante e contei-lhe que negocios de familia, negocios urgentes, me forçavam a uma ausencia de poucos dias, oito quando muito. Tratava-se, disse-lhe, d'ir recolher uma herança. Queria eu dizer que a minha tenção era ir contar á pobre tia velha os meus transtornos pecuniarios e pedir-lhe os dez mil francos necessarios para pagar a maldita letra. Mas não quiz revelar a Violante os miseraveis pormenores da minha posição financeira.

—Até á volta, disse-lhe. Vou vêr a tia que me chama ha dez annos para morrer, depois de me

haver lido seu testamento. Dá-me a chave do teu quarto. Amanhã á noite estarei de volta.

Fui bater á porta provinciana e contei á irmã de minha mãe uma parte das minhas atrapalhações.

A pobre da mulhersinha beijou-me, disse-me que as economias das suas rendas — vinte mil francos, pouco mais ou menos — estavam ás minhas ordens, mas exigiu que eu ficasse com ella uma semana pelo menos «para lhe recordar a irmã com quem eu me parecia em cada feição.» E accrescentou, com a sensibilidade particular dos velhos que estão para morrer:

— Talvez isto lhe transtorne os projectos, lindo sobrinho; mas é a ultima vez que está sob a minha tutella e quero que me obedeça e me dê a consolação suprema de poder, quando o beijar, beijar a minha irmã.

Fiquei oito dias com ésta rarissima e boa tia. Não me deixou sem me recommendar com muita instancia que economisasse as economias d'ella, porque o dinheiro, »ao contrario das doenças, dizia, vem a passos lentos e vai-se de pé ligeiro.

No caminho perdêra a chave do quarto de Violante. Quando voltei para Paris assaltavam-me presagios tristes.

XV

FUGIDA DA POMBA

Qnando cheguei ao nosso ninho pequenino da Avenida da Imperatriz, achei-o deserto. Menos feliz que o pombo da fabula, não fôra correr aventuras de viagem, e entretanto, quando voltei, já não encontrei a pomba.

Violante partira, mas para onde? — porque? — como?

Foi o João quem a todas estas perguntas me respondeu.

— Dois dias depois da sua partida, a senhora foi á Opera Comica com o sr. duque de San Croce, como sabe que isso acontecia varias vezes. Mas a senhora voltou triste, tão triste que todos cuidámos que houvesse recebido alguma má noticia. Entretanto, segundo o que me contou a sr.ª Leontina, depois que a senhora se foi, parece que já na cama, antes de adormecer, a senhora tinha cantarolado o canto da *Haydée* na scena do sonho, que tinha ido ouvir ao theatro. No dia seguinte, a senhora mandou ir a carruagem á estação de Lyon e disse á senhora Leontina que voltava dois dias depois.

Deixei o João fallar e subi ao quarto de Violante, convencido de que teria lá uma carta, uma palavra, a decifração da enygmatica phantasia. Nada encontrei.

O João, que me seguira e me adivinhou os pensamentos, não fazia senão dizer-me: «A senhora disse, quando entrou na carruagem, que não prevenia o senhor da partida, porque, antes que o senhor voltasse, voltava ella.

Não o queria ouvir; mas, quando todas as minhas buscas vi sem resultado, interroguei-o.

— Vejamos, em que dia foi que Violante partiu?

— Sexta-feira, de manhã.

— E na quinta, á noite, foi á Opera Comica com o duque de San Croce?

— Sim, senhor. O sr. duque veio buscal-a, mas quem guiava era o John. A senhora voltou á meia noite e meia hora, despiu-se e disse á sr.ª Leontina, quando a mandou deitar: Acorde-me, ámanhã, de manhã ás seis horas. Esta noite prepare-me uma malinha de viagem e um grande sacco de noite.

— A senhora vae viajar? perguntou a sr.ª Leontina.

— Vou só até Fontainebleau e espero estar de volta antes da chegada do sr. de Hauteroche, respondeu a senhora com um fundo suspiro.

— E depois?

— E depois, na sexta-feira de manhã, ás cinco horas, a Lontina achou a senhora já vestida; encheram uma mallinha pequena; a senhora já tinha dado ordem ao John para pôr a carruagem e o John levou-a até á estação do caminho de ferro de Lyon.

— E o duque de San Croce?

— Veio esta manhã perguntar se a senhora já tinha voltado. Parecia suppôr que a senhora tinha ido ter com o senhor de Hauteroche.

Fiz perguntas e perguntas, mas o João estava de boa fé e nada mais sabia além do que me disse.

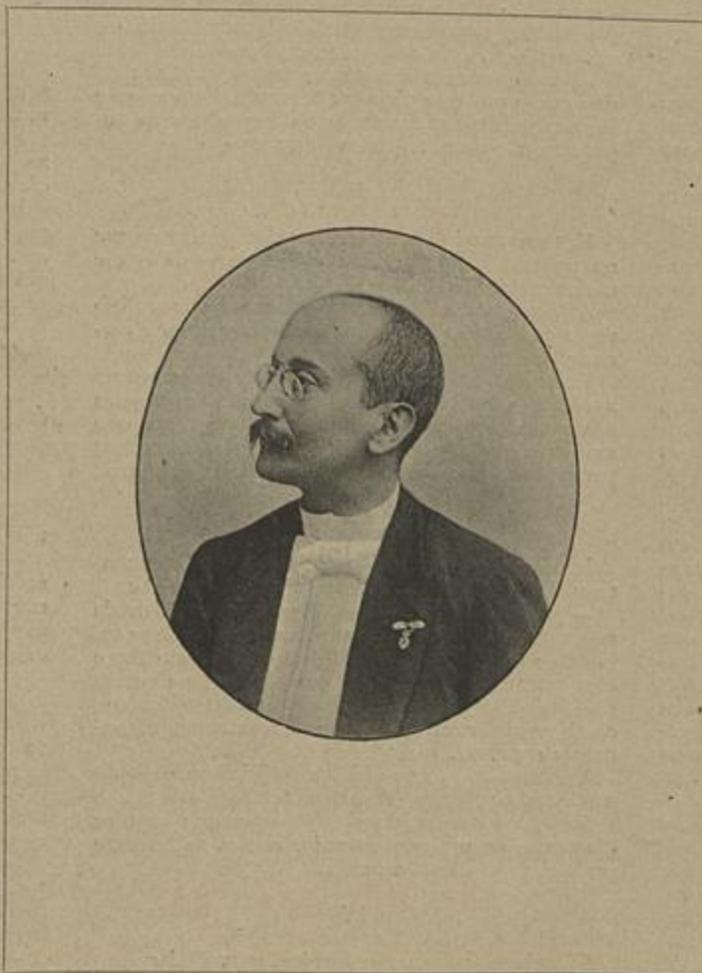
— Violante! exclamei.

Só n'esse dia percebi que só por ella vivia.

(Continúa).

Recebemos e agradecemos:

Estatutos *do Grupo Naturalista — Lisboa, 1899.*

Alguns cavalheiros bastante dedicados ao estudo e progresso das sciencias naturaes fundaram n'esta cidade um grupo denominado *Naturalista*, cujos fins, entre outros, são: desenvolver e propagar o estudo da fauna, flora e solo de Portugal e suas colonias, creando para isso um museu, onde serão expostos e separados por galerias os exemplares de zoologia, botanica, mineralogia e geologia, exclusivamente de Portugal e suas colonias, installando os respectivos laboratorios, creando uma bibliotheca das diversas especialidades e um gabinete de photographia e microscopia, e promovendo excursões scientificas com o fim de adquirir exemplares para o museu do grupo e praticamente excitar o gosto por tão bello ramo de estudos. Ainda nos seus intuitos figuram outros, taes como: publicar boletins annuaes onde serão feitos trabalhos sobre a fauna, flora e solo do paiz, descripção scientifica das excursões realisadas; publicar cartas zoologicas, botanicas e geologicas; crear cursos praticos e theoricos de sciencias naturaes; etc., etc.

Como se vê, o programma do novo grupo é vasto, e os seus estatutos approvados em assembléa geral de 2 de setembro de 1898, encerram uteis disposições, que muito devem promover o desenvolvimento de tão promettedora aggremiação.

REY COLAÇO

Não são muitos entre nós os grupos d'este genero e portanto não podemos deixar de louvar a iniciativa da commissão que o installou e do qual fazem parte os srs. Carlos Samuel da Silva, Diomedes Machado, José J. Brou e Sebastião A. S. May Figueira, nomes bem conceituados no estudo e ensino das sciencias naturaes.

A Educação physica *desde o nascimento até á virilidade por Luiz Norberto de Sousa d'Almeida Reis — Lisboa — Julho de 1898.*

Foi este o suggestivo titulo que á sua these inaugural apresentada e sustentada perante a escola medico-cirurgica de Lisboa deu o novo medico-cirurgião e já conceituado clinico sr. Almeida Reis.

O problema da educação infantil na parte physica tem para nós, raça depauperada graças á falsificação do meio social e dos alimentos, uma importancia enorme que infelizmente poucos consideram devidamente. Alguns raros espiritos se teem dedicado a tão momentoso assumpto, mas não encontram nos governos, nas camaras municipaes, e n'outras corporações a justa e merecida cooperação. Torna isto muito mais necessaria a propaganda dos preceitos hygienicos e essa propaganda só a podem fazer o livro e o jornal.

Applaudiremos, pois, vivamente o dr. Almeida Reis por haver entregue ao apreço do publico parte da edição da sua interessantissima these, em que se desenvolvem os mais aconselhados preceitos da educação physica, abrangendo a habitação, a balneação, a alimentação, os exercicios physicos e o vestuario, os quaes seguidos com attenção devem contribuir bastante para d'um recemnascido predisposto a todos os males e susceptivel de todos os melhoramentos fazer um homem digno de viver com a consciencia plena do seu papel e das suas funcções na familia, na sociedade e no mundo.

Para darmos melhor ideia do contexto geral d'esta dissertação, explanaremos um pouco mais a materia das suas cinco partes, que se divide assim:

Introducção — Necessidades da educação das creanças — O que se deve entender por educação, — seus fins, etc.

Habitação — Condições de salubridade d'um quarto; sobre arranjo interno dos quartos.

Balneação — Causas da sujidade da pelle, seus inconvenientes e meios de os remediar, banhos frios, tepidos e quentes, balneação fluvial e maritima, technica a seguir.

Alimentação — A alimentação lactea, transitoria ou desmamentação, alimentação definitiva.

Exercicios physicos — Andamentos e movimentos; pratica dos exercicios physicos, indicações geraes e technica do vestuario.

Bastaria a penultima parte, com a largueza e maneira persuasiva como está tratada, para grangear ao novo medico um logar muito distincto entre os hygienistas portuguezes, se as outras não lhe concedessem eguaes fóros.